



FREUD ÍNTIMO: Por seis anos, o diretor de pesquisas do Museu Freud decifrou as notas enigmáticas dos diários

ENTREVISTA  
Michael Molnar

# Quebra-cabeças de um crepúsculo

Para pesquisador, anos finais do criador da psicanálise foram desprezados por sua produção intelectual escassa

Por seis anos Michael Molnar dedicou-se a decifrar a letra gótica de Freud e, o que é pior, as conexões de suas lacônicas anotações. Suas referências eram não apenas documentais, mas a própria casa de Maresfield Gardens, em Londres, onde funciona o Museu Freud.

Diretor de pesquisas da casa, Molnar fala sobre o perfil cotidiano do criador da psicanálise que emerge de suas anotações aos diários. Em 1995, o Brasil travou o primeiro contato com seu trabalho de divulgação biográfica de Freud com a exibição, no auditório do

GLOBO, de um filme que mostra os momentos domésticos do criador da psicanálise. Na mesma viagem, Molnar conheceu Francis Rita Apsan, com quem se casou e que agora divide com ele o trabalho de pesquisa, tendo traduzido para o português os "Diários".

**O GLOBO:** Qual foi o principal desafio para decifrar o diário?  
**MICHAEL MOLNAR:** A única dificuldade durante o primeiro estágio foi decifrar a caligrafia de duas palavras ou nomes. O principal desafio veio no estágio seguinte, quando nomes ou coisas tiveram que ser ligados a eventos na vida de Freud. Frequentemente a informação biográfica disponível ou a correspondência de Freud ajudaram a identificar entradas do diário. Por sorte ele era um misástrico compulsivo. E por uma sorte ainda maior, o arquivo do Museu Freud colocou à minha disposição um grande número de cartas não publicadas. Também fui ajudado pela coleção de antiguidades do museu. Comecei o trabalho em 1986 e acabei em 1991.

**O Freud íntimo do diário é de alguma forma surpreendente em relação às versões conhecidas de sua vida?**

**MOLNAR:** Uma das surpresas está no grande número de entradas dedicadas à coleção de antiguidades. O que o diário faz é mostrar a extensão e importância de alguns aspectos de sua vida privada, como o hábito de colecionar. Ou, por exemplo, fumar. Há muitas notas sobre charutos, sobre o hábito de fumar e as proibições. Ainda que antes fosse sabido que ele fumava e colecionava, a forma com que convivia com estes hábitos no cotidiano jamais tinha ficado tão clara. Outro aspecto é a importância da família, incluindo não apenas mãe, irmão, mulher, cunhada, filhos e netos, mas também parentes adotados, como a amiga de Anna Freud, Dorothy Burlingham, ou a "Princesa", que é como ele se refere à analista francesa, a princesa Marie Bonaparte. Não se devem esquecer também as anotações sobre os amados chow-chows. Acima de tudo, a frequência com que Anna Freud é mencionada mostra de forma inquestionável a importância fundamental que ela teve em seus últimos dias.

**Em que os diários vão além de textos como as biografias de Ernest Jones e Peter Gay?**

**MOLNAR:** A biografia de Jones é uma documentação maciça da vida de Freud e foi essencial para minha contextualização. A de Gay, sendo uma reinterpretação contemporânea



MICHAEL MOLNAR: "O diário preenche uma lacuna ao documentar um período que pode ser considerado não-criativo na vida de Freud"

de Freud, foi menos útil. Mas ambas são relativamente vagas sobre os últimos dez anos de Freud, uma vez que este foi seu período menos produtivo. Nisso, eles seguem o próprio Freud, para quem o "Freud real" morreu na década de 20 e o resto seria uma espécie de existência póstuma. O diário preenche uma lacuna ao documentar um período que, por comparação, pode ser considerado não-criativo e que, por este motivo, não interessou aos historiadores.

**O que distingue o diário de outros textos biográficos de Freud, como as cartas e o "Estudo autobiográfico"?**

**MOLNAR:** O "Estudo autobiográfico" e a "História do movimento psicanalítico" são pessoais. Ambos visam a apresentar um máximo de psicanálise e um mínimo de informação biográfica. O mais autobiográfico de todos é "A interpretação dos sonhos", mas trata-se de um tipo totalmente novo de autobiografia, uma auto-apresentação fragmentária e alucinatória das lacunas

entre teoria e prática. O diário tem pouco em comum com estas abordagens, ainda que tenha ligações estreitas com muitas cartas do período. O diário pode ser visto como um equivalente sintético da correspondência. A única pergunta, a que não posso responder, é: se o diário é como uma carta, a quem seria endereçado?

**O diário, como você diz, mostra o "Freud repórter", que faz uma crônica de seu tempo. Como é o olhar "jornalístico" de Freud?**

**MOLNAR:** Na obra de Freud há sempre uma quase imperceptível transição entre observação e interpretação. Nas notas "jornalísticas" do diário temos, pela primeira e última vez, um Freud que aparentemente observa sem interpretar. É claro que a observação é uma forma de interpretação por escolher uma coisa e não outra. Aí é o leitor que vira intérprete, é irresistível especular sobre as escolhas. Ou mesmo sobre os motivos que o levaram a manter este diário enquanto morria lentamente.

**Em que pontos o diário ajuda a entender as formulações teóricas do último Freud?**

**MOLNAR:** A maior parte da década final de Freud foi dedicada a "Moisés e o monoteísmo". E tendo em vista os fatos políticos e sociais da década de 30, não é difícil ver por que a questão da origem do anti-semitismo deve ter sido uma obsessão. Mas as conexões entre acontecimentos do mundo e uma obra de arte ou um artigo teórico são complexas. O real contexto da teoria é a combinação de um meio intelectual com a história cultural e não fatos históricos ou abertamente biográficos. O diário nos mostra informação negativa: os motivos pelos quais Freud não trabalhou num momento, como os problemas cardíacos e a doença do debilitar, como a necessidade de não fumar inibiu sua criatividade (pelo menos assim ele disse) e também pode nos mostrar exatamente quando um trabalho foi concluído.

**A teoria psicanalítica o ajudou de alguma forma?**

o estabelecimento dos fatos e seu comentário tinha o espírito de uma correção, não de uma objeção. E, finalmente, o dr. K. R. Eissler, fundador dos Arquivos Freud, me escreveu que Anna Freud certamente teria aprovado o livro. É claro que pelo fato de ela ter morrido dez anos antes de o livro ser concluído foi impossível comprovar se isso é verdade, mas Eissler conhecia ela muito bem e sua aprovação foi o que de mais perto chegaria de uma aprovação de Anna.

**Ainda hoje há muitos documentos inéditos nos Arquivos Freud. O que você acha da administração do acervo? Pode-se esperar surpresas significativas?**

**MOLNAR:** Durante o tempo em que dirigi os arquivos, o dr. Eissler, que morreu no início deste ano, dificultou e tornou quase impossível o acesso a determinados documentos. Por outro lado, foi ele quem estabeleceu e coletou os documentos: sem ele, o acervo não existiria. A direção que se seguiu não tem sua autoridade de fundador e eu não sinto qualquer obrigação de justificar sua forma de administrar esta herança difícil. As restrições precipitaram a difusão de todo tipo de mito e rumor. Na verdade, a maior parte dos documentos pessoais de Freud e de sua correspondência já está livre ou será liberada nos próximos anos. Restrições longas continuaram sobre entrevistas que Eissler gravou com pacientes, mas até onde posso ver estas listas não são polémicas. As pessoas tendem a interpretar expectativas ou a esperança de que algum escândalo oculto possa ser o motivo desta restrição. Esta é a teoria paranoica da História, segundo a qual tudo é intencional e premeditado. Isto deixa de lado fatores que considero muito mais importantes como a incompetência humana ou as estratégias de administração confusas. De qualquer forma, já tive acesso a alguns dos documentos restritos e não me deparei com o que você me chamou de surpresa significativa. A coisa mais surpreendente sobre Freud é o contínuo poder de sua aura ou autoridade e a variedade de imagens idealizadas ou demonizadas que as pessoas continuam projetando sobre ele. (Paulo Roberto Pires) ■

**A família Freud o ajudou? Eles fizeram restrições?**

**MOLNAR:** Enviei questionários para todos os netos. W. Ernest Freud, o neto que é famoso como o menino de "Além do princípio do prazer", cooperou muito. Anton Walter Freud, outro neto, e sua irmã, Sophie Freud, também ajudaram. Mas ela ficou preocupada por achar que eu estava mostrando sua prima Eva como a neta mais querida de Freud, enquanto ela achava ser a favorita. Expliquei que Eva é mencionada com muito mais frequência talvez porque ela vivia longe de Viena e todas as suas visitas eram anotadas, enquanto Sophie o visitava tanto que os encontros nem eram registrados. De qualquer forma, Sophie concordou com

## Há que criticar sem perder a ternura

Ricardo Cravo Albin coleta crônicas sobre maravilhas e mazelas do Rio

**Um olhar sobre o Rio,** de Ricardo Cravo Albin. Editora Globo, 255 páginas, R\$ 25.

**Arthur Dapieve**  
O aeroporto de Roma se chama Leonardo da Vinci. O de Paris, Charles de Gaulle. O de Nova York, John F. Kennedy. Até o de Heraklion, capital administrativa de Creta, na Grécia, se chama Nikos Kazantzakis. Tem em comum o fato de serem batizados com o nome dos homens — inventores, estadistas, escritores — que metaforicamente voaram mais alto em suas cidades ou países. Hoje, se o aeroporto internacional do Rio de Janeiro leva, além de Galeão, o nome Antônio Carlos Jobim, isso se deve à luta de Ricardo Cravo Albin, baiano apaixonado pela MPB, jornalista que transformou a cidade no objeto de

suas "crônicas indignadas e amorosas" dos anos 90.

A maior parte desses textos foi publicada nas páginas de Opinião do GLOBO, de 1994 para cá. Cravo Albin espalhou suas 49 crônicas por 15 capítulos que norteam seu olhar, crítico sem perder a ternura pelas coisas e gentes da cidade. Assim, há um capítulo intitulado "Os horrendos mafusos no Rio, agonia e êxtase". E há um terceiro dedicado — e muito naturalmente em se tratando do homem que botou o maestro Tom nas alturas — "Os aeroportos do Rio".

**"Notas de agora" resolvem velho problema das crônicas**

Como editor dos artigos publicados pelo jornal em 1996 e parte de 1997, tive a oportunidade de ler em primeira mão alguns dos textos ora coleta-

dos por Cravo Albin. Já naquela ocasião, foi possível discernir uma linha de raciocínio em temas apenas aparentemente isolados: era preciso preservar o Rio tanto dos ataques das províncias quanto da corrosão interna. O preço da liberdade existencial de morar na Cidade Maravilhosa era, claro, a eterna vigilância. Contra os maus brasileiros — pois o Rio continua sendo, em que pese a diáspora paulista, a referência nacional — e contra os maus cariocas — sejam eles camelôs, políticos ou oportunistas em geral.

Agora, em "Um olhar sobre o Rio", Cravo Albin resalvou com brilho um problema que aflija a todo cronista: como resistir à tentação de atualizar este ou aquele comentário? Sem a pretensão ou a necessidade de se emendar — e diante da constatação de que ninguém lê nota de pé-de-página

mesmo — o autor inventou as "Notas de agora", isto é, de 1999, que correm em paralelo às crônicas d'antanho, dialogando com elas, na vertical. Um ovo de Colombo.

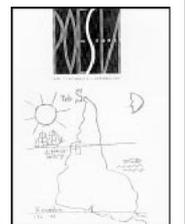
**Previsíveis deveriam ser sabatinados sobre o livro**

Às vésperas do ano eleitoral, "Um olhar sobre o Rio" deveria se tornar dever de casa para todos que quisessem concorrer à Prefeitura do Rio. Com o livro, nossos prefeitos tomariam conhecimento, simultaneamente, dos problemas e das soluções, dos fracassos de seus antecessores e dos anseios de seus concidadãos. Afinal, como escreve o autor acerca da violência urbana, "chega de tratar o Rio como cidade de segunda classe e com a velhacaria de blablablá demagógicos que não levam a nada". Temos dito. E Cravo Albin tem registrado. ■

### RODAPÉ

#### • POESIA PARA SEMPRE

O número 11 da revista "Poesia sempre" da Biblioteca Nacional, lançado na última segunda-feira, marca uma mudança editorial: a publicação passa agora a dar maior ênfase à produção poética nacional, deixando de homenagear um país estrangeiro. Com isso, a edição abre com uma seção dedicada a textos inéditos de 17 poetas contemporâneos brasileiros. De 1993 a 1998, foram privilegiados poetas da América Latina, de Portugal, dos EUA, da Alemanha, da França, da Itália, da Espanha, de Israel, da Grã-Bretanha e da Rússia. Outros destaques deste



número são o "Dossiê Borges", a entrevista concedida por Manoel de Barros e uma homenagem à poetisa portuguesa Sophia de Melo Breyner Andresen.

**O GLOBO**  
COMUNIDADE  
P. Doe.

**NOVOS AUTORES**  
PUBLIQUEM SEUS LIVROS  
TODOS OS ASSUNTOS  
ESCRIBA OU ENVIE SEUS MANUSCRITOS PARA:  
MINERVA PRESS DO BRASIL  
AV. ANHANGUERA, 1110 - 1110 - LINDÓI  
RD. DE JANEIRO - RJ - CEP 22.240-000  
Londrina - Maré - Nova Delfina  
minervapress@opendot.com.br

